

Proletariado intelectual

João Arruda

Memoria lida ao Conselho da Ordem dos Advogados na sessão de 20 de Outubro de 1934.

Origem desta memoria

Foi publicada, nos jornais deste Estado, uma representação feita á classe médica por alguns membros dela. Indicava o estado precario da maioria dos que se dedicam á profissão, e propunha, como sendo unico remédio convinha-vel, a sindicalização da classe. Esse apelo a uma certa classe de intellectuais nada mais é que um episodio do movimento esboçado, ha quasi meio seculo, entre os que se entregam aos trabalhos do cerebro, em que, segundo a expressão de um desses pugnazes corifeus da campanha, se formam estases sanguineas, assim como surgem calos nas mãos dos operarios. Em todo o mundo culto, o proletariado intelectual tem sido objeto de carinhoso estudo; e, na Italia, como refere CALAMANDREI, houve comissões de inquerito para conhecimento exato das condições dos que se batem, no campo incruento, em prol do bem estar da humanidade e da paz social.

Foi dito, na obra de JULIO BENDA, (*La Trahison des Clercs*), que os intellectuais se ligaram aos poderosos da Terra para auxiliá-los na opressão das classes operarias, vendendo-se por uma migalha, a lembrarem Esaú e o prato de lentilhas. Basta conhecer, ainda que superficialmente, a histo-

ria da transformação na Russia, para ver quão injusto é o acoimador dos intellectuais. Houvesse BENDA tido presentes os trabalhos porfiosos, não já na entenebrecida Russia dos Czares, não os de TOLSTOY, KROPOTKINE, VERESSAIEF e MAXIMO GORKI, mas os de ANATOLE FRANCE, STIRNE, VARGAS VILA e tantos outros, e não teria imponderadamente malsinado de traição a classe inteira. E' certo que, até tempos relativamente recentes, os grandes pensadores, peados pela necessidade, só encobertamente atacavam os vícios dos poderosos. As fabulas de LAFONTAINE, as peças teatrais de MOLIÈRE, CORNEILLE e RACINE e outras obras primas são os ultimos representantes da Divina Comedia de DANTE, onde tão disfarçadamente o genial florentino verbera a perversidade dos grandes de seu tempo, e formam o prologo das obras de MARAT, BEAUMARCHAIS e DIDEROT, em que a coragem dos escritores já é maior, podendo eles ser comparados ás primeiras rajadas que precedem as grandes tempestades, como deveria ser a que abalou o mundo em 1789.

Traçando assim a evolução da campanha que se trava em defesa da classe dos intellectuais, não quero todavia que este fugidio escorço me desvie da rota que me impús, qual a de firmar o que se deve examinar sobre as condições economicas da classe dos advogados, neste momento da vida brasileira, e quais os remedios a serem ministrados, se realmente reclamados pelo Estado dos que terçam armas no fôro, que muita gente diz lazarados, em dura miseria.

E' hoje corrente, em trabalhos sociologicos, que nenhum passo acertado pode ser dado em um Estado sobre qualquer ramo de sua atividade, sem que seja precedido de um inquerito acerca das condições do instituto que se pretende reformar: seja desinçado o terreno, antes de nele se fazer nova edificação. Assim pois, entrando já, para não estasar o auditorio, no amago da matéria, direi que dois topicos devem, sem perda de tempo, ser estudados. Em primeiro lugar cumpre saber se efetivamente é lastimavel a situação dos advogados. Prefinido este ponto, cumpre investigar se a sindicalização da classe será o remedio a indicar-se.

O que se me afigura

Inutil dizer que a tendencia hodierna é para estudar mais atentamente o bem estar das classes sociais e dos individuos que as compõem do que a riqueza do país. Que importa houvesse na Atenas dos antigos gregos monumentos levantados com o dinheiro dado em tributo pelos povos da península para defesa comum, se o povo morria de fome? Para que, como diz MARK TWAIN, as Igrejas da Italia, enchendo de assombro o estrangeiro, a catedral de Milão que parece a espuma levantada do mar durante a noite e congelada nas camadas superiores da atmosfera, se os mendigos imploram a caridade publica ás portas desses edificios belissimos, orgulho de uma terra de artistas? De que serviram, para o povo hespanhol, os galeões carregados de ouro que vinham da America, se os estudantes andavam de tigela, colher e saco, mendigando alimento ás portarias dos conventos, se bebiam nos alçalás destinados aos que de todo o conforto careciam? Vendo que, quebradas as soltas, tantos de nossos infortunados companheiros se atiram á senda tenebrosa do crime, tenho sempre procurado informar-me da situação economica da gente que vive da advocacia. Não basta, refleti, que se atenda ao fator do numero dos concorrentes, que é o principal. Na America do Norte, fez-se recentemente uma estatistica dos medicos e dos advogados, e chegou-se á conclusão de que, em consequencia da diminuição dos primeiros, pedem eles hoje regios honorarios, ao passo que os advogados, pelo seu excessivo número, são forçados a contentar-se com remuneração parquissima. E' a oferta de trabalhadores coeficiente importantissimo para sua boa remuneração, mas, de outro lado, ha necessidade de atender á procura dos serviços e á possibilidade de remunerar-se devidamente o trabalho: a percentagem entre o número de advogados e a população é um criterio insufficiente.

Direi pois dos indícios e contra-indícios que notei em nosso meio, sujeitando-os ao estudo da comissão que julgo dever investigar o que ha de exato sobre a matéria.

Em São Paulo, não só na capital, como no interior, observa-se que os advogados vestem-se decentemente, têm casa farta, frequentam lugares de diversões de elevado preço, dão-se a certo luxo, e tudo isto mostra que recebem boa remuneração por seu trabalho. Com o intento de desapreciar a classe, dizem os inimigos dela que pagam mal os profissionais das lides forenses. Mas então como explicam esses maldizentes a permanencia de um elevadissimo número de advogados sempre nos mesmos escritorios? Como explicam serem muitos por longos anos freguezes do mesmo alfaiate, do mesmo armazem de comestiveis? Contra-indício é para mim a circumstancia do que é raro deixar o advogado qualquer coisa para sua familia. O satírico JUVENAL explicava, em Roma, o fenomeno pela circumstancia de serem os advogados romanos sibaritas, consumindo em luxo tudo quanto ganhavam dos clientes. Será boa a explicação para o nosso meio?

Concluo, por derradeiro, que me parece, por enquanto, satisfatoria a situação economica dos advogados.

Remedios

Mas se nada ha a temer no momento, se não se pode falar em condições prementes de miseria na classe, indubitavelmente está ela ameaçadissima de uma crise tremenda, em consequencia do desequilibrio que se manifestará em breve entre os que oferecem seus serviços aos litigantes e o número destes. Estafam-se os economistas de hoje premunindo os produtores contra os excessos da oferta, e recomendando-lhes precatem-se, olhando para o número de consumidores, falam das crises typicas da America, já no Brasil, já nos Estados Unidos do Norte, e até uma escola chegou a recomendar o que se denominou a *economia dirigida*,

circulo de ferro traçado pelo Estado em torno da atividade economica dos industriais. Falou-se aqui e na Argentina na limitação das matriculas, modalidade do *dardanariato*. Erro me parece isto, e acompanho neste ponto o grande ALFREDO PALACIOS. Ha mais de um vicio, indiquei, em uma memoria historica apresentada á Faculdade de Direito de São Paulo, um alvitre que, por alguns colegas, foi considerado ofensivo, não sei por que motivo, á dignidade dos que se dedicam ás letras juridicas. Enfuriados esses varios colegas contra mim, julgando eu, novo no collegio da Faculdade, não dever inimistar-me com os meus companheiros de ensino, tanto quanto é certo que bem podia estar em erro, atirei a minha memoria historica, qual podrichalho desprezível, para o fundo de uma gaveta, onde jaz até hoje, sepultada. Neste momento porém vejo aceito o meu modo de pensar, e, por isto, volto a indica-lo, sem tenção de magoar os meus companheiros ainda sobreviventes da antiga congregação dos professores da Faculdade de Direito. Consistia minha proposta, objeto do desaplauso dos professores, em procurar o Estado dirigir para o estudo das ciencias naturais os moços que, inteligentes, procurassem nas letras um meio de vida. Agora, restrinjo mais minha proposta, muito diversa da *economia dirigida*: julgo que o Estado deve animar o estudo da Eletricidade e de Quimica, desviando alguns rapazes da cultura juridica, onde ha perigo de plethora. O progresso de um povo, no momento historico atual, está na razão direta da cultura de seus intellectuais nesses dois ramos da atividade humana.

Como tenho tantas vezes dito nesta Ordem, sou liberal e democrata, mas não vou até ao *laissez faire* extremo. Entendo que o Estado deve fazer tudo quanto o particular se mostra impotente para conseguir. Assim, uma das condições para desviar os moços para o estudo dos dois ramos supra indicados é garantir o Estado uma colocação a todos quantos fizerem o curso, e mostrarem-se habilitados. Uma nota ainda, e pingarei ponto final nesta indicação: o que se deve procurar não é ter muitos quimicos ou eletricis-

tas, mas habilissimos profissionais nestas duas utilissimas ciências.

Indico pois que a Ordem nomeie uma comissão que diga sobre as condições dos advogados neste Estado, e sobre dever fomentar, ou não, o Estado o estudo das ciencias naturais.